

A circulação da obra de Bernardo Carvalho em Portugal

Umberto Cunha Neto

Resumo

Este trabalho é produto de projeto de mestrado em desenvolvimento no Programa de pós-graduação em Literatura Brasileira da USP; a pesquisa investiga a circulação da obra de Bernardo Carvalho, autor brasileiro contemporâneo, em Portugal, através da leitura e análise da crítica produzida em contexto acadêmico (revistas, teses e dissertações) e também publicada na imprensa portuguesa. Trata-se, também, de verificar os modos de produção (desde o trabalho do autor até as formas de circulação dos textos) e recepção da literatura naquele país, com o qual o Brasil, historicamente, mantém relações culturais e linguísticas relativamente próximas e não tão desiguais, dada a posição periférica de ambos no espaço literário mundial; para tanto, utiliza-se como base as teorias de Bourdieu a respeito do “mercado de bens simbólicos” e de Pascale Casanova acerca da “República Mundial das Letras”. Até o presente momento, o nosso trabalho verificou uma mudança iniciada a partir dos anos 1970 em Portugal – com a abertura política do país e o fim da ditadura salazarista –, mudança essa que se deu em termos políticos, mas que refletiu diretamente em questões culturais e, mais especificamente, literárias. O fim da ditadura e a posterior entrada de Portugal na União Europeia fez com que a literatura produzida no país saísse de um contexto fechado e nacional e assumisse um caráter cosmopolita e desterritorializado, como mostra Miguel Real em estudo recente. Bernardo Carvalho, por sua vez, é conhecido por sua obra cosmopolita e parece ser beneficiado tanto por escrever em Português, quanto por esse momento da literatura portuguesa; sendo assim, até onde essa pesquisa avança, nota-se uma boa recepção de sua obra por parte da imprensa e sua inserção em disciplinas acadêmicas que tratam da literatura brasileira mais recente, além de algumas pesquisas a nível de pós-graduação e artigos em revistas acadêmicas. Contudo, nota-se que tanto a literatura portuguesa recente quanto a produção de Bernardo Carvalho não escapam às regras que regem o mercado de bens simbólicos, estudado por Bourdieu e retomado por Casanova, que trata especificamente do jogo da literatura mundial e da concorrência dos diferentes espaços em busca de uma literatura cada vez mais próxima do Meridiano de Greenwich Literário.

Palavras-chave:

literatura contemporânea; literatura mundial; sociologia da cultura; recepção

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo
umberto.neto@usp.br.

Estudar a literatura contemporânea apresenta desafios concernentes à pouca distância temporal que pode dar diferentes significados às obras e ações do mundo externo que influenciem nas leituras que se faz dessas obras. Uma maneira de adentrar esse estudo é pensar através de um recorte temporal a situação do *campo literário* (BOURDIEU, 2002) em que tais obras vêm à luz.

Sergio Miceli, em artigo que reflete acerca da contribuição de Pierre Bourdieu para a sociologia da cultura, afirma que o “o campo constituía, então, um ponto de vista do qual se podia captar posições produtoras de visões, obras e tomadas de posição”². É nesse sentido que podemos pensar o contemporâneo no que toca a literatura: analisar o *campo literário* seria essa busca por captar as posições, visões, obras e tomadas de posição.

Pensando ainda na esteira de Bourdieu, que teorizou o “campo” a partir de questões científicas e artística, o texto “O mercado dos bens simbólicos” (2015, p. 99-181) é uma boa entrada, pois explica o funcionamento do campo cultural e artístico como um mercado que, diferente da economia que lida com bens materiais, trabalha com bens simbólicos – além de resultados simbólicos e materiais das transações dentro desse mercado.

De acordo com Bourdieu, o campo intelectual e artístico diz respeito a uma autonomização progressiva do sistema de relações de produção, circulação e consumo de bens simbólicos. Dentro desse campo, há diferentes grupos (de intelectuais ou artistas) que, assumindo diferentes funções, criam um sistema – ou sistemas, no plural – de tomada de posição cultural. Em outras palavras, o campo é formado por disputas de diferentes níveis e, graças à sua autonomia, essas disputas se dão dentro do próprio campo, entre os grupos que o formam.

Nosso desafio é analisar esse cenário no Portugal contemporâneo; estamos em busca das linhas de força da produção literária portuguesa dos últimos anos; queremos entender quais atores são importantes dentro desse contexto – imprensa, academia,

2 <http://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/12394/14171>

editoras, livrarias – e com que armas eles lutam dentro do *campo*; ou saber ainda quem são os autores, que formação carregam, quais suas posições em relação à crítica literária, à política, à religião, entre outros fatores.

Pode-se começar a partir dos acontecimentos políticos do século XX, em Portugal, que orientaram – às vezes, de forma decisiva – a intelectualidade portuguesa. A ditadura salazarista que governou o país de 1933 a 1974, o chamado Estado Novo, marcam a produção intelectual e literária portuguesa ao longo do estado de exceção e, também, no período conhecido como “pós-25 de abril”, período que se segue à Revolução dos Cravos e cujas influências respingam ainda na produção atual.

De acordo com o estudioso Miguel Real, que se dedicou ao estudo ao romance contemporâneo em Portugal, à ditadura salazarista corresponde uma mudança na forma literária que obedece a formas estritas do realismo nos momentos mais rígidos do estado de exceção, mas que vai mudando aos poucos e, sobretudo, desconstruindo as “categorias clássicas do romance (personagens, estatuto do narrador, tempo, espaço, ação, intriga...)” (REAL, 2012, p.10) conforme a vida política vai passando por transformações – e entram em cena a agonia do imperialismo e a guerra colonial, movimentos contestadores em geral, como o feminista ou o sindical.

Real nota, contudo, que após o 25 de abril e reestabelecido o regime político democrático, o romance português retorna a uma visão realista, porém, agora, incorpora as contribuições estéticas das décadas de 60 e 70. Uma característica que o autor realça, ainda, é o caráter cosmopolita que a produção literária vai adquirir, em Portugal, a partir de 1974. Tratando mais especificamente do século XXI, Real afirma que a noção de um romance genuinamente português perdeu espaço numa sociedade plural e culturalmente globalizada (2012, p. 12) – diferente daquela das décadas de 40 e 50, orientada por uma cultura patriótica própria do Estado Novo; segundo o pesquisador, essa mudança começa a despontar a partir da Revolução dos Cravos e, mais especificamente, a partir da integração de Portugal à comunidade Europeia.

*

Pensando a literatura além dos espaços nacionais, Pascale Casanova, em seu livro *A República Mundial das Letras*, afirma que qualquer obra que se afirme “literária” seria “uma parte íntima da ‘combinação’ de toda a literatura mundial” (CASANOVA, 2002, p. 17). Nesse sentido, a autora entende a produção literária como um jogo no qual diferentes obras concorrem em busca de autonomia, no sentido de se aproximar mais do que ela chama de Meridiano de Greenwich literário, isto é, o espaço com maior acúmulo literário e, portanto, maior autonomia, onde se produzem mais obras próximas de valores ditos cosmopolitas e menos vinculadas ao nacionalismo literário³.

Casanova propõe uma mudança na perspectiva com que se olha para a obra literária, pensando em um distanciamento e na totalidade da produção. A partir dessa mirada, a autora verifica que, na República Mundial das Letras, a história, a economia e a geografia não estão ligadas às histórias nacionais, necessariamente; antes disso, seguem uma lógica e desenvolvimento próprio. Nota-se logo que Casanova é devedora das ideias de Bourdieu, que já havia assinalado o caráter particular das relações dentro do mercado de bens simbólicos; a autora, contudo, aprofunda esse pensamento analisando especificamente o caso da literatura.

É justamente nesse sentido do desenvolvimento próprio que a pesquisadora entende haver uma capital literária, com maior volume do que ela chama de capital literário, maior tradição e maior crédito literário, ao mesmo tempo que há as regiões que dependem dessa capital e que estão distantes dela esteticamente. A capital, também chamada por Casanova de Meridiano de Greenwich literário, é para a autora, há muitos anos, a França e, especificamente, a cidade de Paris, cidade que, segundo ela, encarna a idealização da liberdade artística – por ser a cidade da Revolução, da invenção dos direitos do homem, além da capital do luxo, da beleza e das letras.

A pesquisadora verifica que a capital literária funciona como uma espécie de instituição de crédito para conceder ou não valor ao que se produz em literatura. É nesse

3 “[...] o imperativo categórico da autonomia é a oposição declarada ao princípio do nacionalismo literário, ou seja, a luta contra a intrusão política no universo literário. O internacionalismo estrutural das regiões mais literárias garante sua autonomia (Casanova, 2002, p. 114)”.

sentido que, segundo ela, os autores da periferia são os mais abertos “às últimas invenções estéticas da literatura internacional” (CASANOVA, 2002, p. 64), já que eles sabem “que devem ser consagrados nesses centros para ter alguma chance de sobreviver como escritores” (2002, p. 64).

Nesse ponto, é preciso assinalar que a literatura produzida na capital literária, Paris, é autônoma visto que não está a serviço de questões político-sociais ou nacionais, sendo também cosmopolita. Ora, aqui já se delineia uma conclusão a respeito da literatura portuguesa recente. Conforme vimos, a literatura obedece ao seu próprio jogo e luta com seus iguais, é assim que a literatura portuguesa, depois de lidar com questões mais urgentes como a repressão salazarista, parece ter buscado cada vez mais se aproximar do centro literário mundial e construir uma literatura a seu modo autônoma e cosmopolita, cuja consagração veio com a atribuição do prêmio Nobel de Literatura para José Saramago, em 1998.

Na mesma linha, Bernardo Carvalho parece insistir num projeto literário que procura desapegar-se de questões nacionalistas e ganhar o mundo. Sua literatura tem sido traduzida e ganhou espaço na França, justamente a capital literária, apesar do desafio imposto pela língua – e as dificuldades concernentes às traduções. De acordo com trabalho de Jefferson Agostini Mello:

(...) para a mídia cultural francesa, ou ao menos parisiense, Bernardo Carvalho aparece como um autor de forma difícil, cosmopolita, comparado eventualmente com outros escritores já consagrados, como Borges, Beckett e Conrad. (MELLO, 2012/2013, p. 139)

Nossa pesquisa, por sua vez, tem mostrado que também em Portugal Bernardo Carvalho tem sido reconhecido, nas palavras do crítico Eduardo Prado Coelho, em artigo publicado pelo jornal *Público*, como “um grande nome da ficção dos nossos dias. *Em qualquer língua*”. Parece-nos, ao menos até aqui, que a literatura portuguesa seguiu um caminho de aproximação da capital literária e também Bernardo Carvalho tem seguido o mesmo caminho. E esses caminhos se entrecruzam quando vemos Carvalho sendo publicado, vendido e estudado em Portugal, nos últimos anos.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. “O mercado de bens simbólicos”. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2015 (pp. 99-181).

CASANOVA, Pascale. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

_____. “Literature as world”. In: *New Left Review*, n. 31, January- February, 2005.

MELLO, Jefferson Agostini. “Duplicidades e contradições em Bernardo Carvalho: o estético e o político; o universal e o particular”. In: *Revistafac*, Bauru, v. 2, n. 2, p. 131-144, out. 2012/mar. 2013.

MICELI, Sergio. “Bourdieu e a renovação da sociologia contemporânea da cultura”. In: *Tempo Social – USP*. Abril/2013 (pp. 63-79). Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/viewFile/12394/14171> (Acesso em 05/02/2017).

MORETTI, Franco. *A literatura vista de longe*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.

REAL, Miguel. *O romance português contemporâneo: 1950-2010*. Alfragide: Editorial Caminho, 2012.